

ENTREVISTA COM A PROFESSORA FRANCISCA HELENA MARQUES

Interview with Professor Francisca Helena Marques

Entrevista com la Profesora Francisca Helena Marques

Francisca Helena Marques¹

Universidade Federal do Recôncavo da Bahia - BA

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6164-4497>

Cláudia Regina Lahni²

Universidade Federal de Juiz de Fora - MG

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-6503-7179>

Carolina Cadinelli³

Universidade Federal de São Carlos - SP

ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-4277-4882>

¹ Professora Adjunta na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, onde é Professora Colaboradora do Mestrado em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas. Doutora em Ciência Social (Antropologia Social), pela USP. E-mail: franciscahelena@ufrba.edu.br

² Professora Permanente do PPGECH-UFSCAR, Professora Titular da Facom-UFJF. Lésbica Feminista, é Coordenadora do Flores Raras – Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Feminismos (CNPQ). E-mail: lahni.cr@gmail.com

³ Mestranda do PPGECH-UFSCAR, Jornalista formada pela Facom-UFJF. Bissexual Feminista, participa do Flores Raras – Grupo de Pesquisa Educação, Comunicação e Feminismos (CNPQ). E-mail: carolina.cadinelli@estudante.ufscar.br



Foto: Primeiro trabalho de campo em Cachoeira-BA⁴

“Elas fizeram uma promessa que se todos os escravos fossem libertos, elas cultuariam Maria na vida e na morte.”

A frase é da professora Francisca Helena Marques sobre a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte, entidade de mulheres negras do Recôncavo Baiano, com a qual desenvolve pesquisa há mais de 20 anos. Com um trabalho pioneiro na etnomusicologia participativa com foco na música e na cultura do Recôncavo Baiano, Francisca formou com a comunidade do Samba de Roda de Dona Dalva o Laboratório de Etnomusicologia (LEAA/Recôncavo). Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, trabalhou em pesquisa que subsidiou a consolidação do título de Patrimônio Brasileiro para o Samba de Roda do Recôncavo e da Bahia. No dia 12 de novembro de 2024 – logo após a revalidação ao samba de roda do título de Patrimônio Cultural Brasileiro, a professora Francisca Helena Marques conversou online com a professora Cláudia Lahni e a mestranda Carolina Cadinelli, para essa entrevista, em que conta sobre seu trabalho com a Irmandade da Boa Morte, o Samba de Roda e o seu pós-doutorado em Estudos Transculturais em Música.

Entrevistadora: Professora Francisca, a sua pesquisa com a Irmandade da Boa Morte começou antes do seu trabalho na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Como ocorreu isso e por que você iniciou esse trabalho?

Professora Francisca Marques: A minha relação com a Boa Morte se iniciou em 1998, ainda quando trabalhava na PUC de Campinas-SP, no estúdio de rádio. Fui convidada por uma equipe de alunas de jornalismo para fazer a captação de som da Festa de Iemanjá, em Salvador. E, quando recebi esse convite, eu me lembro muito bem - eu

⁴ Fotografia cedida pela professora Francisca Marques.

estava dentro do estúdio de rádio - o meu coração disparou. Eu fiquei emocionada e topei na hora.

Nunca tinha me passado pela cabeça ir para a Bahia. E eu acabei indo por minha própria conta, para viver essa experiência. Em 1999 participei de todos os rituais oficiais da Festa de Iemanjá - inclusive, os do Terreiro da Federação. Foi o meu primeiro trabalho de captação de som de uma performance ritual. Na verdade, meu primeiro trabalho de documentação de música dentro de uma performance ritual.

Foi importante para mim, porque deu uma outra dimensão àquilo que eu fazia anteriormente no estúdio de rádio, que era, basicamente, fazer captação de paisagens sonoras para organizar acervos, para poder fazer documentários, programas de rádio, enfim, trilhas sonoras.

Eu fiz o trabalho de campo com essa equipe de estudantes, mas, durante a Festa de Iemanjá, elas acabaram sendo roubadas. Tudo o que tinha sido gravado em vídeo por elas se perdeu. Então, uma das alunas chegou para mim e falou: "Fran, você agora está na sua. Se você quiser continuar a fazer o trabalho, você faz. Se você não quiser, você não faz". Me lembro que eu estava em frente ao mar, no Rio Vermelho. E depois de ter feito todo aquele trabalho de captação, de várias fases, durante dias, fiquei meio perdida. Enquanto eu decidia o que fazer, ainda olhando para o mar, veio um rapaz de dentro da água, e perguntou se eu queria ir para o alto mar. Eu disse que sim. Ele me pegou nos braços e me colocou dentro de um barco junto com os presentes para Iemanjá.

E eu fui para o alto mar gravando. Foi forte a minha conexão com essa cosmologia, com a natureza, com as Águas. Fiz a captação e quando eu voltei, o mesmo cara que me colocou no barco, me pegou de novo nos braços e me levou para a praia. Enquanto ele me levava, ainda dentro d'água, um menino, de uns sete, oito anos, veio na minha direção e me entregou uma rosa vermelha. Em seguida, quando eu toquei os pés na areia - o rapaz me deixou em frente a um batuque de candomblé -, Iemanjá "pegou" uma senhora e dançou na minha frente.

Aquele foi um momento de epifania que me transformou, no sentido de entender essa dimensão da captação de som, dessa escuta, de uma maneira que eu não tinha experimentado antes. E aquilo remodelou, inclusive, o meu trabalho de pesquisa, porque a partir desse momento decidi ir na direção de pesquisar o mito que estava por trás desses sons da Festa de Iemanjá.

Só que, todo trabalho de campo é único e nunca se repete. Quando a gente não tem muita experiência em pesquisa etnográfica, não tem muita dimensão disso. Hoje, 25 anos depois, eu penso diferente.

No ano seguinte, eu voltei para fazer a mesma captação de som da Festa de Iemanjá. Só que tudo o que foi epifania no ano anterior (1999), foi dionisíaco e caótico em 2000; deu tudo literalmente "errado". A aluna do grupo da PUC que ia me receber novamente na casa dela fechou as portas para mim quando eu cheguei. Eu não entendi nada. Também não conhecia ninguém em Salvador.

Mas, tem algo importante nisso... Dias antes da minha viagem para a Bahia, eu estava zapeando os canais de televisão, e, na TV Cultura, vi um trecho de um

documentário que tinha uma senhora bem velha chorando ao lado da imagem de Nossa Senhora morta. Era uma irmã da Boa Morte. Ver aquilo me trouxe uma inquietação, e a decisão de ir conhecer a Irmandade da Boa Morte em Cachoeira. Eu pensei... Vou para a Bahia (Salvador) e vou visitar Cachoeira⁵ por dois dias porque eu quero saber o que é a Boa Morte.

Então, o que acabou acontecendo? Eu inverti a minha viagem. Ao invés de ficar em Salvador por uma semana, eu fiquei uma semana em Cachoeira e só dois dias em Salvador. De Salvador eu fui para prestar as provas do mestrado lá na Escola de Música da UFRJ e passei.

O meu encontro com Cachoeira foi significativo. Fui conhecer a Irmandade da Boa Morte⁶. Quando eu cheguei na sede, Anália, irmã da Boa Morte, me falou que eu era filha de Iemanjá.

Um ano depois, terminados os trabalhos, as disciplinas do mestrado, eu fui morar em Cachoeira (2001). Isso se deu como aquilo que o James Clifford⁷ chama de "encontro etnográfico"⁸. Foi o que aconteceu quando eu encontrei a Dona Dalva Damiana de Freitas⁹.

Eu estava fazendo um trabalho de captação de som na Escola de Música da Filarmônica Lyra Ceciliana¹⁰ com adolescentes (músicos) quando o professor Raimundo Cerqueira, então presidente da Lyra, chegou e curioso me perguntou o que eu estava fazendo ali em Cachoeira. Eu disse a ele que eu trabalhava com gravação de música e que tinha ido visitar a Irmandade da Boa Morte. Ele então me disse: "você tem que conhecer o Samba de Roda, tem que conhecer a Dona Dalva. E aí me indicou o caminho para eu ir visitar Dona Dalva, e foi o que eu fiz.

Eu fui lá muito humildemente. Bati na porta dela. Esse momento para mim é um momento emblemático. Eu bati na porta, a porta se entreabriu, e eu vi uma senhora muito idosa sentada no sofá, e ela falou: "Dalva, tem alguém na porta". Aí eu vi alguém que saiu da cozinha. Era uma senhora negra, que chegou na minha frente, colocou a mão na cintura e falou assim: "O que é?". "Dona Dalva, eu sou uma pesquisadora de música. Estou aqui para conhecer um pouco da Boa Morte". Ela foi muitíssimo educada

⁵ Cachoeira é um município com cerca de 33 mil habitantes, que fica no estado da Bahia, às margens do Rio Paraguaçu, distante cerca de 120 km da Capital Salvador (BA). Cidade-irmã de São Félix, Cachoeira é reconhecida pela preservação da identidade e cultura africana e afro-brasileira.

⁶ A Irmandade da Boa Morte é uma confraria católica de mulheres negras e mestiças que descendem e representam a ancestralidade dos povos africanos escravizados e libertos, no Recôncavo da Bahia. Ver mais em: https://naya.com.ar/congreso2002/ponencias/francisca_marques.htm

⁷ Antropólogo, norte-americano, que, em seu trabalho interdisciplinar, mescla perspectivas de história, literatura e antropologia.

⁸ CLIFFORD, James. **A experiência Etnográfica**: antropologia e literatura no século XX. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1998

⁹ Dona Dalva recebeu o título de Doutora Honoris Causa, pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Ver mais em: <https://www.ufrb.edu.br/ppgcom/en/noticias/512-96-anos-de-dona-dalva>

¹⁰ Filarmônica Lyra Ceciliana – reconhecida como a Filarmônica mais antiga em atividade no Brasil. Fundada em 1870 pelo Maestro Abolicionista Manoel Tranquilino Bastos. Outras informações: <https://www.instagram.com/lyraceciliana/>

e me convidou para um café. E começamos a conversar, e ela me falou que não queria mais saber de samba, que o samba era atraso de vida.

E aí começamos a conversar, perguntei para ela se eu podia gravar, ela falou que sim. E enquanto nós começamos a gravar, começamos a conversar sobre o samba, ela foi tomada por aquele entusiasmo, ficou alegre, sambava, sapateava, cantou e começou a contar a história de vida dela permeada dessa música - para mim era tudo completamente novo.

Então ela pediu para ouvir a gravação. Ela colocou o fone para ouvir, naquela época ainda era MD¹¹, e ela ficou feliz da vida. Eu perguntei se o samba tinha alguma gravação e ela falou que não. E era o meu trabalho, era o que eu fazia lá no estúdio de rádio, então eu ofereci para ela essa gravação. E foi isso que aconteceu.

[...]

Saí de lá de Cachoeira, fui para Salvador, fiz a documentação da Festa de Iemanjá. Na sequência fui para o Rio de Janeiro, prestei mestrado, entrei. E, imediatamente, me sintonizei com o Samba de Roda.

Poucos meses depois dessa minha primeira ida, eu voltei para fazer um trabalho de educação comunitária com os músicos da Lyra Ceciliana e fui fazer a gravação com Dona Dalva. É a gravação mais orgânica que a gente tem. Uma gravação muito preciosa.

E Dona Dalva me convidou para morar com a filha dela. E foi o que eu fiz. Terminei as disciplinas do mestrado. Fui para Cachoeira com a cara e a coragem. E iniciei um trabalho de educação comunitária que veio a ser o Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual¹², LEAA, que eu formei com a comunidade do samba de dona Dalva. Esse trabalho que já tem 24 anos.

Dona Dalva é irmã da Boa Morte, mas com um diferencial: ela é uma genuína mulher do Partido Alto. A descendência dela vem das mulheres do Partido Alto, das antigas irmãs da Boa Morte, em especial de sua avó paterna, Dona Vicência Ribeiro da Costa.

De uma certa forma, esse encontro etnográfico trouxe para mim todo esse universo, toda essa cosmologia que liga o batuque ao samba de roda, à capoeira, ao candomblé. O início do início daquilo que a gente conhece hoje como identidade nacional, o samba.

O samba de roda faz parte do processo ritual da Festa da Boa Morte. Ele demarca exatamente o distanciamento da morte para a alegria de viver¹³. Então, dentro desse grande processo ritual, o samba é a liberdade, ele é a alegria de viver. As irmãs da Boa Morte fizeram uma promessa de que se todos os escravos fossem libertos, elas cultuariam Maria na vida e na morte. Só que por trás desses rituais públicos marianos tem um complexo de processos rituais que estão especialmente ligados a três orixás

¹¹ MiniDisc (MD) é um disco ótico de armazenamento de dados. Era bastante utilizado para armazenamento de áudio digital.

¹² <https://www2.ufrb.edu.br/lmpb/projetos-de-extensao/leaa>

¹³ Ver MARQUES, Francisca. **Samba de Roda em Cachoeira, Bahia: uma Abordagem Etnomusicológica**. Dissertação de mestrado. Programa de Pós-Graduação, Escola de Música, UFRJ, 2003.

femininas que tem relação com as águas doces, salobras e salgadas (Oxum, Nanã e Iemanjá). Essa é a minha relação com a Boa Morte.

Entrevistadora: Francisca, você tem esse trabalho, vem desenvolvendo esse trabalho há 24 anos. Quando começa o seu trabalho na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia? É aí que você leva o laboratório que você já tinha criado para a universidade?

Francisca: Exatamente isso. Eu só vou entrar na UFRB (Universidade Federal do Recôncavo da Bahia) em 2014. Eu já tinha passado em outros concursos, tinha ficado em segundo lugar, mas não era na minha área. Esse concurso que eu fiz foi exatamente para a etnomusicologia, que é a minha área de trabalho.

Entrevistadora: Francisca, e você fica trabalhando em Cachoeira na Universidade, ou em outro campus da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia?

Francisca: Então, a Universidade Federal do Recôncavo, ela tem seus campi distribuídos pelo Recôncavo, Portal do Sertão e pelo Vale do Jiquiriça. Eu trabalho em dois deles. Eu sou locada no Centro de Cultura, Linguagens e Tecnologias Aplicadas da UFRB em Santo Amaro (CECULT) na área de Música e Cultura. Boa parte dos componentes que eu dou em Santo Amaro são ligados à Licenciatura em Música Popular Brasileira e à Produção Musical, mas eu colaboro para todos os cursos do Centro. O CECULT é um centro interdisciplinar; e tem componentes ligados à música em todos os cursos.

Em Cachoeira, eu colaboro no Mestrado em História da África, da Diáspora e dos Povos Indígenas. Agora o programa tem um doutorado também. E durante seis anos, eu coordenei o Núcleo de Memória e Documentação do Recôncavo (NUDOC), que é onde esteve o Laboratório (LEAA) durante muitos anos desde que eu entrei na UFRB. Eu iniciei esse trabalho do Laboratório de Etnomusicologia no Recôncavo como um laboratório comunitário¹⁴. Eu já vinha da experiência com estúdio de rádio na PUC e na UNICAMP (Rádio Muda). Depois, com o professor Vincenzo Cambria e o professor Samuel Araújo, que foi nosso orientador de mestrado, participei da criação do Laboratório de Etnomusicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro¹⁵.

Então, eu tinha essa experiência dessa formação de laboratório e de pesquisa com o Samuel, que é um pensador da etnomusicologia no Brasil. Mas, ao mesmo tempo, eu tinha essa experiência didática e técnica da PUC de Campinas, de produção da Rádio Muda (UNICAMP), da pesquisa em teoria literária e do trabalho de voluntariado com educação comunitária.

O processo de trabalho do Laboratório em Cachoeira foi muito importante, porque ele foi formado com a comunidade do Samba de Roda e também com o povo

¹⁴ MARQUES, Francisca. Educação comunitária como prática de etnomusicologia aplicada: reflexões sobre uma experiência no Recôncavo baiano. **Revista USP**, São Paulo, Brasil, n. 78, p. 130–138, 2008. DOI: [10.11606/issn.2316-9036.v0i78p130-138](https://doi.org/10.11606/issn.2316-9036.v0i78p130-138). Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/revusp/article/view/13684>.

¹⁵ <https://ppgm.musica.ufrrj.br/laboratorio-de-etnomusicologia-grupo-de-pesquisa/>

de Santo. As minhas aulas, primeiramente, foram na Irmandade da Boa Morte. Depois, eu dava as aulas também na casa da Lucidalva dos Santos Cerqueira, filha da dona Dalva, com quem eu morei. Depois, eu aluguei uma casa e foi lá que eu organizei o Laboratório.

Eu morava em um quartinho muito pequeno. Nas outras partes do casarão, eu formei o LEAA. Ali também era um espaço ocupado pelo Samba de Roda de Dona Dalva, para atividades de educação patrimonial. Então, foi assim que a gente iniciou o trabalho lá atrás, em 2001. Mas ele se efetivou mesmo como parte da Associação de Pesquisa em Cultura Popular e Música Tradicional, que foi uma associação que eu fundei junto com a Associação Cultural do Samba de Roda Dalva Damiana de Freitas¹⁶. Em 2004, essas associações, depois, seriam solicitantes, com o Grupo Cultural Filhos de Nagô¹⁷, do registro do Samba de Roda como Patrimônio Cultural Brasileiro¹⁸.

Então, vocês percebem que tudo se interconecta. E, quando eu entro para a UFRB em 2014, eu já trago o Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual (LEAA/Recôncavo) premiado três vezes pela UNESCO¹⁹. Então, é trabalho de luta. É um trabalho que eu me orgulho muito. O Laboratório de Etnomusicologia e o Samba de Roda são a dedicação da minha vida.

Entrevistadora: Que maravilha! E seguem colhendo esses frutos. Francisca, conta um pouco mais sobre a história da Sociedade da Boa Morte e a relação da Sociedade com a cultura e diáspora africana.

Francisca: A Irmandade da Boa Morte tem uma importância muito grande pelo protagonismo das mulheres que foram as fundadoras da Irmandade. A Irmandade da Boa Morte vai surgir dentro da Igreja da Barroquinha²⁰ naquele período, lá no século XVIII, XIX, de grande movimentação e formação das irmandades de negros e negras na Bahia. Ao contrário das outras irmandades que eram irmandades mistas, elas vão formar uma irmandade de mulheres, todas elas sacerdotisas do culto africano no Brasil, dentro da Igreja da Barroquinha. Elas faziam o culto da Boa Morte dentro da Igreja da Barroquinha, mas atrás dela formaram o primeiro terreiro de Candomblé conhecido como Casa Branca. Desse terreiro surgiram outros como o Ilê Axé Opo Ofonjá e o Gantois. Os três são terreiros muito importantes em Salvador. Alguns historiadores

¹⁶ <https://www.instagram.com/donadalvadosamba/>

¹⁷ O grupo Samba de Roda Filhos de Nagô foi fundado em 13 de Maio de 1970 por seu Mário (*in memoriam*), César do Samba e amigos na cidade de São Félix, tendo se tornado uma das principais referências do samba de roda do Recôncavo Baiano. Ver: <https://www.facebook.com/sambaderodafilhosdenago/>

¹⁸ O samba de roda do Recôncavo Baiano foi registrado como Patrimônio Cultural Brasileiro em outubro de 2004, pelo Iphan (Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional). A revalidação do título ocorreu em novembro de 2024. Ver: <https://bcr.iphan.gov.br/bens-culturais/samba-de-roda-do-reconcavo-baiano/>

¹⁹ MARQUES, Francisca & VEIGA, Mariana. Being Young Digital Creators: a Practical Booklet for Educators. Complementary Guide to the YDC Educators's Kit. **United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization (Unesco)**, First Edition, CLT/CEI/2008/PI/44, 2008

²⁰ Ver mais em: <https://fgm.salvador.ba.gov.br/espaco-cultural-da-barroquinha/>

dizem que elas foram expulsas de Salvador e migraram para Cachoeira, que até hoje é um centro irradiador da cultura afro-brasileira. Então, elas foram para Cachoeira e desde 1820 realizam os “mesmos” rituais até hoje. Elas só não fizeram a Festa durante a pandemia. É uma Irmandade que tem essa força de mulheres, libertas, endinheiradas, do Partido Alto, do Axé. E elas trabalhavam para comprar a liberdade de outros sacerdotes e sacerdotisas do culto africano no Brasil. E também para dar rituais fúnebres dignos aos seus velhos. Então, elas também são responsáveis pela formação da família de Santo.

Entrevistadora: Pessoas que estavam escravizadas naquele momento.

Francisca: Os idosos, os mais velhos, eles eram abandonados ao léu pelos senhores de engenho, muitos não tinham sequer enterro. Eles eram comidos pelos urubus. Essas mulheres cuidavam disso. Também colaboraram na formação de quilombos urbanos. Cachoeira é uma cidade negra em todos os sentidos. Essa foi a importância da Boa Morte naquele momento. Hoje tem uma outra função, mas naquele momento era isso. Essa fé na libertação, ao mesmo tempo, um sincretismo, questionado pela antropologia hoje, mas que, de uma certa forma, entre as irmãs, ele é real. Todas elas são sacerdotisas ou ligadas ao culto do Candomblé, uma religião brasileira. Isso é importante salientar. Mas, ao mesmo tempo, elas têm, sim, fé em Nossa Senhora. Uma vez, eu questionei isso com a minha mãe preta, Dona Ernestina, também uma antiga da Boa Morte, e ela disse “Oxente, como é que eu não vou cultuar Iaiá?”. Essa presença feminina é muito marcante na Boa Morte. Está relacionada às orixás, ligadas à vida, à fertilidade e à morte.

Entrevistadora: Hoje, qual é a principal atividade da Sociedade da Boa Morte?

Francisca: A Boa Morte, a partir da década de 1960, sofreu muitos abalos, porque a receptividade, inclusive, da Igreja em Cachoeira nunca foi positiva com relação à Irmandade. A Irmandade foi diminuindo o número de mulheres, porque as mulheres foram morrendo e não tinham outras mulheres que vinham. E, ao mesmo tempo, elas foram expulsas da Igreja. Teve um litígio muito complexo com a igreja. Elas foram expulsas, ofendidas, humilhadas e tiraram delas as alfaias, as jóias e imagens da Boa Morte. A Irmandade sempre foi muito rica. [...] Ainda sobre a Irmandade da Boa Morte atualmente] A partir dos anos 1970, a Bahiatursa iniciou um processo de turismo nos interiores da Bahia. A Boa Morte estava em um momento de decadência. Mais tarde, na década de 1980 com o apoio da família de Martin Luther King, de protestantes negros norte-americanos, e de uma advogada de Cachoeira, foram comprados dois casarões que foram doados para a Irmandade da Boa Morte. Então Jorge Amado pegou a “Cuia de Esmoler”, escreveu uma carta de apoio à Boa Morte que foi publicada em um jornal da Bahia, e foi até o governador, naquele momento Antônio Carlos Magalhães, pedir pela Irmandade. Assim foi feita a sede da Boa Morte. Hoje, a Irmandade tem um papel importante para o turismo étnico e cultural que atrai anualmente caravanas de turistas afro-americanos para Cachoeira. Isso interfere

positivamente na economia da cidade. Cachoeira, no século XIX, era considerada próspera, cheia de comerciantes e recebia navios de baixo calado diretamente da Europa. Também era um porto de venda de escravos que serviam para a extração e transporte de diamantes da chapada diamantina. Depois da ruína dos senhores de Engenho, fechamento das fábricas de charutos, e das enchentes do Rio Paraguaçu, que acabaram com o comércio, Cachoeira entrou em decadência econômica.

Entrevistadora: Francisca, na palestra que você fez para nós na UFSCar Sorocaba, você mencionou algo que você já disse aqui também, que foi o encontro etnográfico que você teve com Dona Dalva. E, aqui, você já mencionou esse encontro e falou um pouco da importância dela. Eu queria que você falasse um pouco sobre a importância da Dona Dalva para a organização das mulheres da Sociedade da Boa Morte.

Francisca: Diferentemente das outras irmãs que, geralmente, são convidadas a fazer parte da irmandade, Dona Dalva tem uma relação consanguínea com a Boa Morte. Essa linha de matriarcado vem da avó paterna dela. Dona Dalva brincava de fazer samba com as bonecas que ela mesma criava. Ela brincava de ser baiana da Boa Morte, de ser mulher do Partido Alto nas suas brincadeiras, e morava com a avó que era da Irmandade. Ela estava presente nas Festas da Boa Morte quando criança. Adulta, Dona Dalva, trabalhando como charuteira na fábrica de charutos Suerdieck, vai formar um samba de roda com as colegas durante o expediente de trabalho. E ela traz, para o seu samba, a indumentária de crioula para as baianas, traje que ainda veste as mulheres da Boa Morte no dia da Glória durante o samba de roda. O Samba de Roda Suerdieck foi o primeiro grupo criado para apresentação em festas religiosas, e depois para os palcos do São João também.

Dentro da Boa Morte, ela já assumiu todos os cargos. [...] Dona Dalva é uma grande compositora de sambas, ela tem uma genialidade. Ela tem uma mente criativa. Ela criou o terno das Baianas do Acarajé. Ela forma quadrilha. Ela tem o samba adulto, tem o samba de roda mirim. Ela é uma militante da cultura. Sempre inovadora. Não é à toa que ela recebeu o título de Doutora Honoris Causa pela Universidade Federal do Recôncavo da Bahia²¹. Foi a primeira mulher negra, a receber. Depois Dona Cadu também, ceramista, sambadeira, recebeu esse título da UFRB²². Ela faz parte da Irmandade da Boa Morte, e dentro da sociedade ela atua como qualquer outra irmã. Embora todas sejam da elite, porque elas são mulheres do Partido Alto ainda, de uma certa maneira. Mas Dona Dalva é uma mulher que tem luz própria. Ela tem a sua obra, tem o seu legado na Casa do Samba dela. Dona Dalva, as filhas, a neta e os bisnetos... A Casa é um espaço cultural necessário. Já está na quarta geração esse legado de samba de roda. É uma obra fundamental que ela tem, e que sua família está dando continuidade. Ela está com 97 (anos).

[...]

²¹ Ver mais em: <https://ufrb.edu.br/portal/noticias/3048-dona-dalva-do-samba-de-roda-recebe-primeiro-titulo-doutora-honoris-causa-concedido-pela-ufrb>

²² Ver mais em: <https://ufrb.edu.br/portal/noticias/6005-ufrb-aprova-concessao-de-titulo-doutora-honoris-causa-a-dona-cadu>

Só quero acrescentar uma coisa importante desse legado para mulheres na obra de Dona Dalva. Dona Dalva formou o Samba de Roda Suerdieck dentro da fábrica de charutos Suerdieck, com as suas companheiras mulheres. Ela tem uma própria teoria de gênero nesse sentido. Para ela, o samba de roda tem que ter mulher. Se não tem mulher, é sambão. Não é samba de roda. A mulher tem que estar presente. E isso é um fato. A Boa Morte tem um samba muito específico, que é o Samba de Barravento, que é o samba das velhas. Elas entram na roda, de uma a uma, percorrem a roda, fazendo miudinho, fazendo o seu sapateado. Me lembrei agora que uma vez eu li um texto que descrevia o sapateado de Tia Ciata, o miudinho que ela fazia. Tia Ciata foi uma irmã da Boa Morte. Ela se mudou para o Rio de Janeiro e fez ali a chamada Pequena África, reduto cultural, musical, de batuque, do samba de roda, dos lundus, do choro.

Entrevistadora: E do próprio samba. E depois, inclusive, do carnaval. Tudo a partir do terreiro da Tia Ciata.

Francisca: O Samba de Barravento, o muidinho bem lento, esse é o samba das mulheres do Partido Alto. Tia Ciata foi compositora, instrumentista e era do Partido Alto. Se tem a ala das baianas nas escolas de samba, é por causa de Tia Ciata. Não é mais uma questão musicológica a origem do samba. O samba nasceu na Bahia e migrou para o Rio de Janeiro com as baianas que foram para lá.

Entrevistadora: Francisca, dentro desse tema que muito nos importa, que é a visibilidade, como é trabalhar com um tema tão feminino, como você faz, e ser mulher, lésbica, na Universidade?

Francisca: Eu nunca falei sobre isso antes. Isso me visibiliza no meu mais sagrado, Cláudia. Ao mesmo tempo, eu penso ser importante fortalecer a minha cidadania lésbica. Ela tem a ver com meu lugar no mundo, a minha felicidade, sororidade, paz. Eu nunca falei sobre esse assunto porque não me perguntaram, e porque eu venho de uma geração que não se expõe, uma geração muda, que não teve abertura nem diálogo sobre gênero e sexualidade, mas que agora pode buscar vencer seus próprios limites.

É um desafio estar na Universidade em vários aspectos. Todas sabemos da carga pesada de demandas que temos em projetos, orientações, laboratório, pesquisa, extensão, coordenações, reuniões, aulas. Sabemos também das perdas absurdas pelos cortes e completa falta de investimento durante aqueles quatro anos terríveis de governo Bolsonaro. É um ambiente de trabalho exigente e que muitas vezes nos adocece. O mundo está muito doente na verdade. A Universidade é parte do mundo e também um mundo à parte, às vezes. Ao mesmo tempo estar na UFRB foi um sonho realizado para mim e eu me dedico mesmo. Muito recentemente tenho observado um olhar diferenciado para as mulheres e para a violência de gênero na UFRB com publicações voltadas a conscientização sobre assédio, premiações de mulheres pesquisadoras, maior visibilidade aos trabalhos de mulheres também. A nossa Reitora, Georgina Gonçalves, mulher negra, tem uma gestão que está avançando em questões

pontuais de gênero. Mas, os projetos que buscam maior visibilidade lésbica na UFRB vêm de coletivos LGBTQI+ de alunes, e do LES, Laboratório de Estudos e Pesquisas em Lesbianidade, Gênero, Raça e Sexualidade coordenado pela professora Simone Brandão.

Eu entrei na Universidade já com um trabalho estabelecido de etnomusicologia participativa. Tinha 14 anos trabalhando no Recôncavo e um trabalho reconhecido na etnomusicologia como pioneiro no sentido freiriano - e isso não sou eu que falo, são outras pesquisadoras e outros pesquisadores que dão esse crédito para o trabalho²³. Eu já fui para a Universidade com o trabalho estabelecido no Recôncavo e passei a ter uma série de enfrentamentos e eu penso que isso se dá sim pelo fato de ser mulher e lésbica. Antes eu não pensava nisso, mas agora eu entendo que tem a ver sim.

Exclusão, não ter reconhecimento do trabalho realizado, não ter apoio, invisibilidade. Isso foi comum sempre. Tudo o que eu fiz foi por persistência mesmo. Muitas vezes, eu continuo bancando os projetos, ainda hoje. É um trabalho que não precisa de politicagem para existir, um trabalho de fato voltado para a comunidade. Se ele tem conexões freirianas, isso é porque a minha natureza é de educadora sensível e voluntária desde muito tempo. Porque essas teorias eu fui descobrir muito depois mais para respaldar o trabalho do que para influenciar a existência dele. Então, esses enfrentamentos, eles foram constantes. A professora Simone Brandão²⁴ atribuiu os enfrentamentos que passei à lesbofobia, e a professora Laila Rosa²⁵ ao fato de eu ser mulher. Elas sempre foram companheiras e parceiras. Penso que elas e eu estamos certas.

Existe um machismo muito forte imperceptível para os meus colegas, em especial os da minha área. Até o momento eu ainda sou a única mulher na área de Música e Cultura, mas tenho esperanças, não expectativas, de que esse quadro mude em breve. Agora temos duas professoras substitutas, mas, quando eu volto, elas saem. Eu sinto muita falta de relações equânimes, equilibradas. Não é fácil. Mas por outro lado, além da UFRB, a recepção do meu trabalho é grande e positiva por onde eu passo. Isso também me fortalece, ter outras parcerias, ter relação de trabalho com outras mulheres, pessoas, outros pensamentos. A forma da gente ver o mundo é muito diferente da forma de ver o mundo do patriarcado, [que é] competitivo, cruel e perverso, muitas vezes. Então eu acho que esse é o aspecto mais importante mesmo, me fortalecer de outras formas e continuar desenvolvendo o meu trabalho. A vida é um constante fluxo de possibilidades. O melhor sempre está por vir.

²³ Ver GUAZINA, Laíze. (2018) em <https://revistas.ufrj.br/index.php/rbm/article/view/26282>

²⁴ Simone Brandão Souza é Professora Associada na UFRB, líder do grupo LES - Laboratório de Estudos e Pesquisas em Lesbianidades, Gênero, Raça e Sexualidades da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, uma das organizadoras do livro **Lesbianidades Plurais: abordagens e epistemologias sapatonas** - <https://ufrb.edu.br/servicosocial/docentes>

²⁵ Laila Andresa Cavalcante Rosa é Professora Adjunta na UFBA (Universidade Federal da Bahia), coordenadora da Feminaria Musical - grupo de pesquisa e experimentos sonoros, que integra a linha da pesquisa Gênero, Cultura e Arte do NEIM (Núcleo de Estudos Interdisciplinares da Mulher) da UFBA - <https://academo.ufba.br/pesquisador.php?cod=1152>

Entrevistadora: Francisca, no dia 11 de novembro de 2024, foi revalidado pelo Conselho Consultivo do IPHAN, o título de Patrimônio Cultural Brasileiro para o Samba de Roda. E você coordenou uma equipe do Laboratório de Etnomusicologia, Antropologia e Audiovisual da UFRB para pesquisar e preparar um material para isso. Como foi esse trabalho e qual a importância do título de Patrimônio Cultural para o Samba de Roda?

Francisca: O processo de patrimonialização do samba teve início em 2004 a partir do Estado brasileiro. Na época, o Gilberto Gil era o ministro da Cultura, e ele queria apresentar um candidato à obra-prima em Patrimônio da Humanidade pela UNESCO, porque tinha sido aberta a candidatura. Em princípio, ele sugeriu o samba, mas a própria UNESCO orientou que não fosse, porque o samba não é um bem de fragilidade. O samba vai muito bem como identidade nacional, e muitas pessoas têm o samba do Rio de Janeiro como essa identidade. Então, foi feita uma reunião com a professora Elizabeth Travassos²⁶ e o professor Carlos Sandroni²⁷ e eles sugeriram o Samba de Roda do Recôncavo - que, em princípio, não era exatamente o que o ministro queria e pensava, mas ele foi convencido disso.

Então, foi formada uma equipe interdisciplinar, e eu fiz parte dessa equipe coordenada pelo professor Carlos Sandroni da Universidade Federal de Pernambuco e trabalhei como pesquisadora nessa primeira fase, que foi uma fase de inventário para registro do Samba de Roda no livro das formas de expressão como Patrimônio Cultural Brasileiro, e a candidatura a partir de um dossiê para a UNESCO para obra-prima e Patrimônio Imaterial da Humanidade, em 2005. E foi isso que aconteceu. Em 2004, foi feita a solicitação do registro do samba de roda como Patrimônio Cultural do Brasil, que foi uma das etapas para garantir a candidatura. E a UNESCO entendeu a importância desse bem em 2005, e declarou o Samba de Roda do Recôncavo como Obra-Prima e Patrimônio da Humanidade.

O que acontece é que o governo brasileiro tem um compromisso com a UNESCO de acompanhamento da sustentabilidade e promoção desse bem durante um período de tempo com políticas públicas - o que, no caso do samba de roda, deu muito certo, porque durante a primeira aplicação, na formação desse primeiro plano de salvaguarda, uma das primeiras ações foi a formação da Associação de Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia²⁸, num movimento de garantir autonomia dos sambadores e sambadeiras para os projetos acontecerem. Eu digo que, inclusive, em termos políticos, o samba ganhou outro status, não só como manifestação musical, cultural, poética, mas como movimento político social. Então, o que acontece? Depois

²⁶ Falecida em outubro de 2013, Elizabeth Travassos foi professora na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) e uma das fundadoras da Associação Brasileira de Etnomusicologia. Ver mais em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/76296/80013>

²⁷ Carlos Sandroni é Professor Associado da Universidade Federal de Pernambuco, onde trabalha com Música e Patrimônio Cultural. Mais informações em: <https://www.ufpe.br/ppgmusica/docentes-e-discentes>

²⁸ Ver mais em: <https://www.asseba.caneladeema.com/>

de dez anos, chegou o momento de fazer uma avaliação dessas ações do plano de salvaguarda para saber o que deu certo e não deu certo.

A coordenação da ASSEBA²⁹, com uma representante do IPHAN³⁰, foi ao Núcleo de Memória e Documentação do Recôncavo (NUDOC/UFRB), e se reuniu comigo no Laboratório de Etnomusicologia, e me convidou para coordenar a pesquisa e a documentação da revalidação do título do Samba de Roda como patrimônio cultural do Brasil. Então, foi um momento muito diferente do trabalho de pesquisadora anterior que realizei, porque, para o dossiê, toda a coordenação e pesquisa do projeto foi feita e mediada por pesquisadores e pesquisadoras acadêmicos. Nesse segundo momento, toda a gestão do projeto foi feita pela própria Associação de Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia. Eles escreveram o projeto, eles fizeram toda a gestão do projeto. A minha parte, a nossa parte, foi fazer a parte mais técnica e de equipamentos, porque, durante o projeto trabalhamos no Laboratório de Etnomusicologia, a formação de sambadores e sambadeiras como pesquisadoras e pesquisadores e como produtores de trabalho de campo para a caravana de pesquisa e documentação.

Entrevistadora: Foi um trabalho de pesquisa-ação...

Francisca: Um trabalho de pesquisa-ação. As pesquisadoras e os pesquisadores foram os sambadores e as sambadeiras. Nós fizemos uma caravana de pesquisa partindo de Cachoeira, para diversas localidades no Recôncavo, Portal do Sertão, Região Metropolitana. Foram nove meses de trabalho de campo intensivos. Recolhemos uma documentação maravilhosa, um acervo. Produzimos um filme de 47 minutos que está disponível no YouTube, para todas as pessoas verem, e um teaser também³¹. Um catálogo falando de todo esse processo e também dos grupos que entrevistamos³².

Foram 121 grupos documentados. Foi muito importante porque nós fomos nas localidades. Não foi uma coisa assim, ah, vamos lá em Santo Amaro, os grupos vêm para fazer entrevista. Não. A gente foi visitar, a equipe do Laboratório de Etnomusicologia com a ASSEBA passou em cada lugar encontrando essas pessoas. E fizemos uma maneira pensada com uma economia solidária, de que a verba era reinvestida nas Casas do Samba. Porque a gente se alimentava nas Casas do Samba, a gente dormia nas Casas do Samba. Então, foi todo um processo de retroalimentar, com uma economia solidária. E, ao mesmo tempo, com inventários participativos. Por exemplo, o IPHAN tinha uma série de perguntas que deveriam ser aplicadas, mas essas perguntas foram feitas por técnicos. Essas perguntas não fariam sentido para os

²⁹ ASSEBA - Associação dos Sambadores e Sambadeiras do Estado da Bahia: para saber mais, acessar <https://www.asseba.caneladeema.com/quem-somos>

³⁰ IPHAN - Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional: para saber mais, acessar <http://portal.iphan.gov.br/>

³¹ Samba de Roda, Patrimônio da Humanidade: 15 anos de Salvaguarda e Conquistas - <https://www.youtube.com/watch?v=068cfxUvP8s&t=1692s>
Trailer - <https://www.youtube.com/watch?v=FhprBDImKqY>

³² MARQUES, Francisca. **Samba de Roda - Patrimônio da Humanidade: 15 anos de salvaguarda e conquistas**. 1. ed. Santo Amaro da Purificação: ASSEBA, 2021.

mestres sambadores e sambadeiras. Então, com os próprios sambadores e sambadeiras, trabalhando metodologia da pesquisa de campo, a gente fez essas perguntas de uma forma que elas pudessem chegar aos mestres e os pesquisadores sambadores e sambadeiras pudessem também, comigo, estar trabalhando as entrevistas. Foi um processo árduo porque é um campo cheio de fricções, muitíssimo complicado. Foi um trabalho longo, que era para ser um trabalho de meses, acabou sendo um trabalho de dois anos e meio.

[...]

Tem vários aspectos nesse processo de revalidação que não existiam no primeiro dossiê. As questões de gênero, por exemplo. Uma das coisas que vem à tona nesse processo, é o protagonismo da mulher sambadeira. Esse é um aspecto. Inclusive, no filme, isso está muito marcado. E essa é uma questão também do olhar que foi colocado na relação com o bem. Eu acho que tem uma coisa do fato de eu ser mulher também, trabalhando com as sambadeiras, e elas também estarem como pesquisadoras ali no processo, como produtoras, e toda essa parte, inclusive, de produção executiva. Isso está muito focado no filme. É uma parte bonita o protagonismo da mulher sambadeira, a importância das Casas do Samba, a importância da salvaguarda com projetos para a saúde dos sambadores e sambadeiras.

Outro passo importante foi a criação do Conselho de Salvaguarda. A presidente do Conselho de Salvaguarda... é uma presidenta, é uma mulher séria, muito interessada na saúde da sambadeira, do sambador. Durante esse processo da revalidação dez dessas pessoas que estão no filme, inclusive, já morreram. Os sambadores e as sambadeiras têm problemas graves de saúde, têm diabetes, têm problemas cardíacos, têm problemas com os dentes, têm problemas sérios com alcoolismo, com depressão. Então, junto da proteção do bem, da salvaguarda do bem, tem também uma necessidade de um cuidado nas questões de previdência, das aposentadorias, das questões de saúde, das Casas do Samba, dos Sambas Mirins, da educação comunitária.

Entrevistadora: A proteção das pessoas...

Francisca: Isso... para mim, é o que a ASSEBA vem fazendo muito bem. Acho que foi o que a ASSEBA fez de melhor, mas ainda falta muito.

Entrevistadora: Francisca, para fechar o meu roteiro aqui: neste ano você está realizando a sua pesquisa de pós-doutorado sobre o som e a música da Cordilheira dos Andes. Como está esse trabalho? Qual a relação com os mapuches?

Francisca: Esse está sendo um pós-doutorado que eu estou fazendo pela Cátedra da UNESCO de Estudos Transculturais e Música na Universidade de Música Franz Liszt em Weimar, Alemanha, sob a supervisão do professor Tiago de Oliveira Pinto³³ e também

³³ Tiago de Oliveira Pinto é chefe da Cátedra UNESCO de Transcultural Music Studies da Universidade de Música Franz Liszt Weimar, Alemanha; é professor colaborador do Programa de Pós Graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo. Para mais informações: <https://arlac.musicology.org/author/tiago-de-oliveira-pinto/>

da professora Rose Satiko³⁴ que tem me acompanhado, e é coordenadora do Grupo de Pesquisas em Antropologia Musical (PAM/USP).

Com esse trabalho venho percorrendo a Cordilheira dos Andes, desde a Patagônia Argentina. Deveria ir até a Venezuela, só que como o Brasil está com relações diplomáticas um pouco conturbadas com a Venezuela, decidi não ir. Então, eu percorri da Patagônia Argentina, passando pelo Chile, Bolívia, Peru, Equador e agora Colômbia. Depois vou à Califórnia, Estados Unidos, onde encerro o ciclo desse pós-doutorado, e volto ao Brasil.

A minha relação com os Mapuche foi o começo do começo desse projeto, na verdade. Eu fui ao encontro de uma comunidade Mapuche na Patagônia, mas não sabia qual seria. Eu saí da Bahia, de Cachoeira, e fui descendo pelo centro oeste (Goiás), sudeste (Minas Gerais, São Paulo) e sul (Rio Grande do Sul). Desci o Brasil, passando pelas escolas, passando pelas universidades, trabalhando, encontrando as pessoas, trabalhando com pesquisa em música no ensino médio, que é onde eu gosto muito de trabalhar, para conhecer também quem vem para estar com a gente na Universidade. E atravessar para a Argentina foi importante para mim, foi o lugar que eu fiquei mais tempo, fiquei quatro meses morando na Argentina.

Lá encontrei Elsa Mesa Sandulski, antropóloga, fotógrafa, líder fundadora do Movimiento Teresa Rodríguez, um movimento piqueteiro forte em Mar del Plata que trabalha a causa dos desempregados e dos sem teto. Convivi com a Elsa e o companheiro dela, e recolhi um material biográfico que retrata um pouco a história de militância dela e a formação dos movimentos piqueteiros na Argentina.

No segundo momento, na Argentina, eu fui ao encontro dos Mapuche. E isso se deu por causa de um sonho e duas palavras que me acompanharam por semanas depois que eu acordei: “machi” e “mapuche”. Em princípio, eu não fui atrás para saber o que era, depois eu fui na internet e tomei conhecimento que machi é uma xamã, ou um xamã dentro da comunidade Mapuche. A pessoa que faz a conexão do humano com as forças da natureza, as montanhas... É uma cosmologia lindíssima vivida com uma autonomia que eu nunca tinha visto antes. Não é uma comunidade cristã em nenhum sentido. Não existe nenhuma relação com o que a gente entende de religião e cristandade. É uma nação que está em dois países e que tem uma língua comum, que é o Mapuzungun, e que tem seus conceitos de ancestralidade, de musicalidade muito peculiares. Então, por exemplo, o Kultrun, que é um instrumento de percussão, que é um tambor. O Kultrun é uma representação do pulso, do coração de Pachamama. Quando se percute o Kultrun, você sente uma coisa impressionante. O instrumento leva a diferentes sensações e estados de consciência. A/o Machi entra em transe com o canto e o Kultrun. Tudo ligado à música e à cura.

³⁴ Rose Satiko Gitirana Hikiji é Professora Associada do Departamento de Antropologia da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo; é bolsista de Produtividade em Pesquisa do CNPq (PQ-2) e coordenadora do Laboratório de Imagem e Som em Antropologia da USP (LISA-USP). Mais informações: <https://antropologia.fflch.usp.br/node/624>

Eu entendo que esse meu pós-doutorado é a minha busca por essa cura também, interna. Não foi à toa que eu fui até lá. Inclusive, quando eu estava ali na Patagônia, na região que vai de El Bolsón até San Martín de Los Andes, eu buscava contato com os Mapuches, ninguém queria me passar, porque eu cheguei num momento de muito conflito. Alguns deles são considerados terroristas pelo governo argentino e pelo governo chileno. Então, tem violência mesmo, tentativas de retirada das terras dessas pessoas; as mesmas coisas que os nossos povos originários passam no Brasil, eles passam lá também. Os Mapuche são admiráveis. Morei um tempo no Lofge Millalonco Ranquehue, um espaço comandado por mulheres há várias gerações.

São quatro gerações de mulheres que têm enfrentamento com o exército argentino ali. E por duas vezes, uma delas, dois anos atrás, elas e a comunidade expulsaram o exército argentino das suas terras. Na década de 1970, isso aconteceu com Silvia, a mãe da Marta Ranquehue. Marta agora é uma das principais líderes Mapuche na Argentina e é muito atuante. Uma mulher que pastoreia ovelhas e que faz hortas. Ela é muito interessante para se conversar, por essa relação com a Terra, com os animais, mas também porque é uma mulher que cita Aristóteles.

Convivi muito de perto com uma mulher Mapuche que hoje é minha irmã. Ela é filha de Marta, neta de Silvia. É Laura Ranquehue. Laura é apicultora, faz horta, comercializa cerejas, morangos, e cuida de um bosque de ervas medicinais nativas. As filhas gêmeas de Laura são ligadas à música e às montanhas, uma delas é multi-instrumentista, canta e é kultrunera.³⁵ Na Patagônia, eu encontrei um estado de espírito que eu nunca tinha encontrado antes, um flow. É quando você é feliz só porque você existe. Trabalhei na horta e colhendo cerejas. Isso é um privilégio. É extraordinário. Elas me fizeram um bem tão grande. De renovação, de encontro. E tem sido assim.

Eu passei um mês no Equador. Antes de vir para cá, para a Colômbia, eu estava no Equador. Primeiro, na parte sul, eu trabalhei com as mulheres indígenas Saraguro. Participei, inclusive, de um ritual de San Pedro. E fui surpreendida, porque eu fui para o ritual como se vai para uma cerimônia de ayahuasca e quando eu cheguei lá, eu me deparei com cinco mulheres indígenas de ascendência Inca. Elas são descendentes dos Incas, e, inclusive entre si falam quichua³⁶; e, durante o processo ritual, a gente encontrou muitas coincidências nas nossas vidas. Foi terapêutico.

De Saraguro fui para o extremo norte do Equador, em Esmeraldas, uma comunidade afro. Na Casa Manglar eu me senti como se eu estivesse na Casa do Samba de Dona Dalva. Só que a música é uma música de marimba. Também com influência congo, como a gente tem no Recôncavo; mas uma música percussiva de marimba, bombo, guazá. No último dia que eu estava com elas, com eles, fiz uma gravação de uma performance pública, de palco. Essa gravação mostra a força daquela música, da dança, daquela ancestralidade.

O Peru também é um país incrível e desconhecido. A culinária, a música... A gente só ouve falar de Machu Picchu. Mas tem cada lugar, uma cultura tão antiga. No

³⁵ Quem toca o Kultrun.

³⁶ Quichua é uma língua indígena da América do Sul, ainda hoje falada por cerca de dez milhões de pessoas de diversos grupos étnicos da Argentina, Bolívia, Chile, Colômbia, Equador e Peru ao longo dos Andes.

Chile, eu dei uma sorte... Não é bem sorte na verdade, é o caminho. Quando a gente põe o pé no caminho da gente, tudo se abre. E participei da Marcha 8M das Mulheres em Santiago. Eu documentei a Marcha. Eu nunca tinha estado em um lugar com tanta mulher na minha vida. Muitas! E essa força de ação política... Os países latinos, hispânicos, têm posturas mais firmes. E falta isso à gente no Brasil.

Estou muito grata. Estou aqui agora indo para Bogotá daqui a dois dias. E depois vou para a Califórnia terminar meus relatórios, organizar minha pesquisa e entrar em férias. [...] Estou muito feliz. Estou realizada com o meu trabalho. Eu agradeço tanto! Eu acordo e agradeço. Eu vou dormir e agradeço. É possível a gente ser feliz. É preciso ser feliz no nosso trabalho. Ele é manifestação do nosso ser mais profundo. O trabalho tem uma conexão com o motivo de nós estarmos aqui. É isso.

Recebido em 27/11/2024

Aceito em 26/12/2024